

## CONEXÕES ENTRE CULTURA MATERIAL E MEMÓRIA SOCIAL NO SEMIÁRIDO PIAUIENSE: A INDUMENTÁRIA DOS VAQUEIROS DA COMUNIDADE DE QUEIMADINHA, MUNICÍPIO DE SÃO RAIMUNDO NONATO-PI<sup>1</sup>

### CONNECTIONS BETWEEN MATERIAL CULTURE AND SOCIAL MEMORY IN THE SEMIARID PIAUIENSE: THE CLOTHING OF COWBOYS FROM THE COMMUNITY OF QUEIMADINHA, MUNICIPALITY OF SÃO RAIMUNDO NONATO-PI

Amanda Paes Landim Silva<sup>2</sup>

Leandro Elias Canaan Mageste<sup>3</sup>

**Resumo:** Nesse artigo, apresentaremos as indumentárias dos vaqueiros da Comunidade de Queimadinha, zona rural do município de São Raimundo Nonato, Piauí. Com a exposição, esperamos tecer conexões entre cultura material e memória social, de forma a entender como a indumentária se faz presente nas narrativas de nossos colaboradores. Na prática, aplicamos metodologias pautadas em entrevistas e na construção de uma ficha de análise para a classificação dos objetos. Desse modo, foi possível construir uma interface entre arqueologia e comunidade, que foi instrumentalizada para evidenciar de que maneira alguns vaqueiros constroem, interpretam, e narram as suas experiências no campo por meio da indumentária. **Palavras-chaves:** Cultura material, Memória Social, Indumentária, Vaqueiro.

---

**Abstract:** In this article, we will present the clothing of the cowboys from the Community of Queimadinha, rural area of the municipality of São Raimundo Nonato, Piauí. With the exhibition, we hope to make connections between material culture and social memory in order to understand how clothing is present in the narratives of our employees. In practice, we apply methodologies based on interviews and on the construction of an analysis sheet for classifying objects. In this way, it was possible to build an interface between archeology and community, which was instrumentalized to show how some cowboys build, interpret, and narrate their experiences in the field through clothing. **Keywords:** Material Culture, Memory, Clothing, Cowboy.

---

<sup>1</sup> Pesquisa oriunda de trabalho homônimo de conclusão de curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial, defendido na Universidade Federal do Vale do São Francisco, em São Raimundo Nonato, no ano de 2019.

<sup>2</sup> Mestranda em Arqueologia pelo Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque Univasf) e bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (Fapepi). E-mail: amandapaes627@gmail.com

<sup>3</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Colegiado de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco (PPArque e Carqueol Univasf). E-mail: leandromageste@gmail.com

## Introdução

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise sobre as conexões entre cultura material e memória social, a partir da indumentária (vestimenta) dos vaqueiros da comunidade de Queimadinha, zona rural do município de São Raimundo Nonato, Piauí. A indumentária é uma peça artesanalmente confeccionada com o couro de bovinos e caprinos, a partir das técnicas de curtimento. Sua vestimenta é composta pelo gibão, luvas, perneira, guarda-peito, chapéu e sapatos. Nesse cenário, buscaremos perceber de que forma a indumentária do vaqueiro participa do processo de construção de memória, relacionando-se com as narrativas sobre o passado e a vida no presente.

A comunidade de Queimadinha está localizada a cerca de 10 km do centro urbano de São Raimundo Nonato. A localidade atualmente possui quarenta casas, entre as quais estão as famílias dos vaqueiros e colaboradores que participaram desta pesquisa. São, em sua maioria, profissionais oriundos de contextos familiares historicamente compostos por vaqueiros. Nesse cenário, por meio do trabalho colaborativo, procuramos estudar a indumentária. A mesma foi escolhida para direcionar a investigação, devido seu provável aspecto simbólico, no escopo da relação entre usuário e peça, com o intuito de perceber qual a compreensão do uso da vestimenta pelo vaqueiro, como forma de proteção e expressão (Silva, 2019).

Nesse sentido, vale mencionar outros trabalhos com propostas semelhantes, que foram realizados por discentes da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf), do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial. Salienta-se ainda, que são pesquisas com temas ainda incipientes dentro do fazer arqueológico, a despeito de sua importância e relevância social para os contextos históricos do Sudeste e Sudoeste do Piauí. Desse modo, podemos citar a iniciativa de Martin (2018), que realizou pesquisa com o objetivo de compreender as técnicas de produção dos artefatos vinculados às atividades dos vaqueiros da comunidade Boqueirão e Buriti do Rei, em Oeiras, no Piauí. O estudo trouxe contribuições para a análise arqueológica do universo sertanejo, atentando-se para as narrativas e materialidades dos vaqueiros representantes da comunidade, bem como da cultura popular nordestina.

Outro exemplo que converge com os nossos propósitos, é a investida de Silva (2021), que realizou um estudo acerca das indumentárias juninas da quadrilha Brilho do Sol, na cidade de São Raimundo Nonato-PI. Seu objetivo esteve voltado para a compreensão das mudanças ocorridas em tais vestimentas ao longo dos anos. Logo, o autor buscou enfatizar as narrativas das pessoas envolvidas nessa prática, instrumentalizando conceitos de Cultura Material, Memória Social e Patrimônio Cultural. A partir disso, optou por metodologias pautadas em levantamentos bibliográficos, entrevistas semiestruturadas e levantamentos de campo. Dessa forma, o estudo possibilitou a reflexão e compreensão sobre o contexto cultural do São João em território nordestino.

Na conjuntura, nosso interesse pela pesquisa foi estimulado pelas diferentes formas que se pode trabalhar com a indumentária em um determinado contexto, reconhecendo o seu papel na produção de significados sobre a nossa realidade. Com o desenvolvimento de estudos colaborativos, buscamos ampliar o arsenal de narrativas disponíveis, posicionando um olhar arqueológico para o entendimento das relações entre cultura material e memória social. Não menos importante, são nossas relações afetivas com a comunidade de Queimadinha. Além de ser a terra de origem da mãe da primeira autora, é também o local onde viveu grande parte de sua vida, vendo e observando o dia a dia e a labuta das pessoas que moram no campo, utilizando-se de diversos trabalhos para sua sobrevivência.

### **Metodologia**

A partir dos preceitos citados anteriormente e o foco dado a essa investigação, foram efetuadas pesquisas bibliográficas, que de acordo com Lakatos e Marconi (2010), consistem no levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, entre outros tipos de publicação, tendo como intuito, fornecer ao pesquisador um material para a análise e produção, conforme o tema estudado. Nesse viés, algumas dessas fontes escolhidas pertenciam às instituições de São Raimundo Nonato-PI, entre essas: A Fundação Museu do Homem Americano (Fumdam), a Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e a Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Os levantamentos sistemáticos de bases virtuais para análise consistiram em artigos científicos, dissertações e teses que abordavam alguns pontos da pesquisa, como a questão da importância do uso da vestimenta pelos vaqueiros. Nessa

perspectiva, procuramos trazer reflexões para o entendimento desse contexto, a partir das materialidades e seus significados para a comunidade.

Foram realizadas pesquisas de campo, no intuito de documentar, contextualizar e analisar as indumentárias. Logo, o levantamento das informações presente na investigação seguiu o método de entrevista semiestruturada, que consiste na combinação de perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto. Logo, o pesquisador segue um conjunto de questões previamente definidas, mas ele o faz em um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal (Boni & Quaresma, 2005).

Dessa maneira, foram entrevistados precisamente quatro vaqueiros da comunidade. Os senhores Manuel Simplício da Maceno, de 74 anos; Gracino Ferreira da Silva, de 82 anos; Dinavan Da Silva Santos, de 36 anos; e Lorismar Madeira Silva, de 47 anos. Entrevistamos também o Senhor Salvador Rodrigues da Silva, de 72 anos, que atualmente reside na comunidade Castelo, pertencente ao município de São Raimundo Nonato. O senhor Salvador morou por muitos anos em Queimadinha, sendo responsável pela produção da indumentária dos vaqueiros.

A coleta dos dados orais, através de entrevistas, aconteceu de maneira aberta, para que nossos colaboradores pudessem discorrer sobre o tema estudado. Logo, em suas narrativas, os mesmos trouxeram um pouco de sua história de vida, contando o que é ser vaqueiro em Queimadinha, as habilidades e dificuldades encontradas na profissão. Além disso, demonstraram por meio das indumentárias, as características e especificidades de cada item que a compõem.

Para sistematização das informações, foi produzida uma ficha de análise com a descrição das indumentárias, sendo composta pelos seguintes parâmetros: proprietário, pesquisador, localização, dimensões, nome do objeto, fabricante, armazenamento, estado de conservação do objeto, informações orais, observações e, por fim, um espaço que foi utilizado para indexar o registro fotográfico. Desse modo, os materiais que serão apresentados neste artigo fazem parte dos acervos dos vaqueiros da comunidade, sendo espontaneamente invocados durante as entrevistas. A maioria dos objetos analisados possuem entre 04 e 10 anos, desde a sua confecção (Silva, 2019).

Apresentaremos aqui uma breve caracterização dos materiais que foram evidenciados e analisados durante a pesquisa. No trabalho, os conceitos de Cultura Material e Memória Social nos deram esse arcabouço teórico para compreender os significados existentes nesses objetos e suas características. Nos discursos observados, podemos perceber a centralidade da profissão de vaqueiro em Queimadinha, enfatizando os trajes como elementos constituintes de sua identidade, bem como suas práticas e atividades na lida com o campo.

### **Aportes Teóricos: Cultura Material e Memória Social**

O estabelecimento da noção de cultura material ocorreu na segunda metade do século XIX, na Europa. Nessa época, a definição encontrou terreno fértil em diversos campos que despontavam, como os estudos da pré-história, da paleontologia e da antropologia. Esse movimento foi responsável por uma ruptura epistemológica, levando a uma progressiva formulação da ideia de cultura material. Isto por conta dos estímulos para desenvolver metodologias de pesquisa baseadas nos estudos dos objetos e materiais, levando em consideração fenômenos sociais e culturais (Leodoro, 2001).

A partir daí, a Arqueologia pode ser definida como uma disciplina que investiga a emergência, a manutenção e a transformação dos sistemas socioculturais através dos tempos, por meio da cultura material por eles produzida. Seu interesse primordial é o de explicar fenômenos de mudança cultural, operando com ênfases diferentes, as três dimensões inter-relacionadas que estruturam a vida social: forma, espaço e tempo (Lima, 2011).

De especial interesse para essa discussão, foram as transformações teóricas da década de 1980. Nesse período, a Arqueologia buscou problematizar novas maneiras de entender o passado, problematizando o conceito de cultura material. Especificamente, transformou-se em uma fonte arqueológica primária para acessar o passado da humanidade, através de dois aspectos importantes: o material e o social. No contexto, a cultura material constitui-se como protagonista, sendo atribuída às transformações de uma prática social humana primordial, que é a comunicação e produção de significados para contextos sociais (Lima, 2011). Em função disso, os estudos sobre cultura material expandiram-se como campo mais ou menos autônomo nessa época, atento para as possibilidades analíticas interdisciplinares, ao passo que abriram

caminhos para a investigação de domínios até então praticamente inexplorado pela arqueologia, como é o caso do tempo presente e do passado recente.

De acordo com Daniel Miller (2013), os estudos de cultura material, apesar de sua heterogeneidade, aproximam-se entre si ao considerar a materialidade como integrante e construtora de relações pessoais e sociais. Isto porque convivemos diariamente com “as coisas”. Para o pesquisador, se direcionássemos a nossa atenção para o estudo das mesmas, poderíamos perceber como ela é fundamental na nossa vida e na configuração de nossas percepções de mundo. Desse modo, a cultura material é entendida como um universo repleto de significados que pode nos dizer quem somos, como vivemos e como interagimos dentro da sociedade. Para Miller (2013), produzimos as nossas coisas, ao mesmo tempo que somos também construídos por elas.

Frente a essas discussões, escolhemos trabalhar com o conceito de cultura material, por visualizar que a mesma é capaz de denominar a forma que a vestimenta do vaqueiro se torna um adereço repleto de significados e extensão do próprio corpo. Assim, entendemos que os objetos utilizados na lida com o campo, especificamente sua roupa, se tornam um importante acervo que pode ser estudado e explorado pela Arqueologia, no entendimento de seu contexto cultural. De fato, de acordo com Miller (2013), as roupas nos representam de alguma forma, já que nosso modo de vestir diz um pouco sobre o que somos e o que queremos transmitir e representar, pois escolhemos nossas vestimentas por tal motivo. Portanto, fica evidente que o estudo da cultura material nos leva ao melhor entendimento, transmissão e exame da nossa humanidade, demonstrando como e porque um olhar mais profundo para as coisas, pode nos levar a uma apreciação mais profunda das pessoas (Miller, 2013).

Na perspectiva de que cultura material é fundamentalmente constituída por significados, podemos nos remeter às ideias de Maurice Halbwachs (2006). Em seu livro ‘Memória Coletiva’, o autor chama a atenção para a necessidade de explorar os significados produzidos em grupo e individualmente, como uma condição necessária para a construção da memória. Nesse sentido, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está inserida em um quadro social e material, como é o caso do contexto cultural do vaqueiro, onde interações entre tempo e memória se fazem presentes. Por este viés, as abordagens sobre lembranças e esquecimentos se tornam uma importante ferramenta para nosso estudo, principalmente aquelas que

entendem a memória social de maneira dinâmica, tendo como objetivo analisar as diferentes formas pelas quais moldamos e somos moldados pelas versões que elaboramos sobre o nosso passado e presente (Peralta, 2007).

De fato, a memória é um compartilhamento de vivências e costumes adquiridos individualmente e socialmente (Halbwachs, 2006). Pensando por esse lado, a memória se torna uma ferramenta indispensável para acessar os vaqueiros. Através dela, é possível contar acontecimentos e experiências de vidas, construindo narrativas que demonstrem transformações culturais, entre novos saberes e práticas, como as formas de lidar com o gado. Cada pessoa tem uma forma diferente de ver o mundo, de modo que o estudo da vestimenta do vaqueiro nos permitiu ver a importância desses itens no cotidiano dos moradores de Queimadinha e na construção de suas visões sobre o assunto.

Segundo Godoi (1999), a memória atua como produtora de identidade e pertencimento que delimitam as fronteiras sociais de um grupo. Nesse sentido, a indumentária do vaqueiro pode ser um objeto para a expressão da sua identidade<sup>4</sup>. Cabe ressaltar também que possui significância para quem as utiliza. Sendo assim, através dela, podemos conhecer um pouco de sua vida e entender com quais significados conversam. De acordo com Barthes (2005), a indumentária possui uma relação semântica, ou seja, a mesma é fortemente significativa, constitui uma relação intelectual, notificadora, entre o usuário e seu grupo.

No tocante aos vaqueiros, percebemos como as memórias são construídas individualmente e coletivamente, produzindo lembranças que os cercam em todos os momentos de sua vida. São essas memórias que refletem sentimentos de pertencimento, sua labuta diária no campo, suas histórias e, sobretudo, suas formas de vida. Portanto, a memória é estruturada pelos aspectos materiais, pelas coisas com as quais interagimos. Essa premissa permite inclusive redefinir os objetivos da Arqueologia, considerando seu esforço por estudar justamente a memória que

---

<sup>4</sup> Identidade é o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o qual prevalece sobre outras fontes de significados (Castells, 1999). Logo, a indumentária faz parte dessa identidade, pois a mesma é fortemente significativa dentro do contexto que o vaqueiro trabalha, ativando significados que são associados a elas. São a cultura material, os espaços e as atribuições individuais e coletivas que reforçam essa identidade, construída e reconstruída por meio da figura do vaqueiro.

pode ser materializada em objetos e contextos de diferentes temporalidades, incluindo a contemporaneidade e o passado recente (Dyke, 2019).

Partindo dessa premissa, a cultura material e a memória se tornam essenciais na construção da história do vaqueiro, sobretudo na percepção de como as coisas que fazem parte do nosso cotidiano podem nos representar e funcionar como semente de rememoração (Halbwachs, 2006). Desse modo, buscamos entender de que maneira a vestimenta do vaqueiro expressa diferentes significados para a comunidade de Queimadinha, e de que forma podem ser contextualizados com a memória social.

### **Vaqueiros, Couro e a Indumentária: Aspectos Gerais**

Historicamente, a cidade de São Raimundo Nonato tem relação direta com a expansão da pecuária que desenvolveu no Piauí, marcada pela constituição de fazendas de gado. Por esse motivo, a região se tornou um dos lugares fortemente marcados pela presença dos vaqueiros. Diversas comunidades pertencentes ao município possuem vínculos com os primeiros agrupamentos humanos que ocuparam o Sudeste do Piauí sendo esses: indígenas, africanos e afrodescendentes, fazendeiros, vaqueiros, camponeses e agricultores, entre outros (Oliveira, 2007).

Nesse sentido, a comunidade de Queimadinha (Figura 1), foco da presente pesquisa, não é diferente, a mesma apresenta modos de vida e cotidiano profundamente relacionado com a pecuária e com o trabalho dos vaqueiros (Figura 2). Em entrevistas com pessoas da comunidade, por meio de relatos, é possível perceber de que forma a figura do vaqueiro se insere nesse contexto histórico.



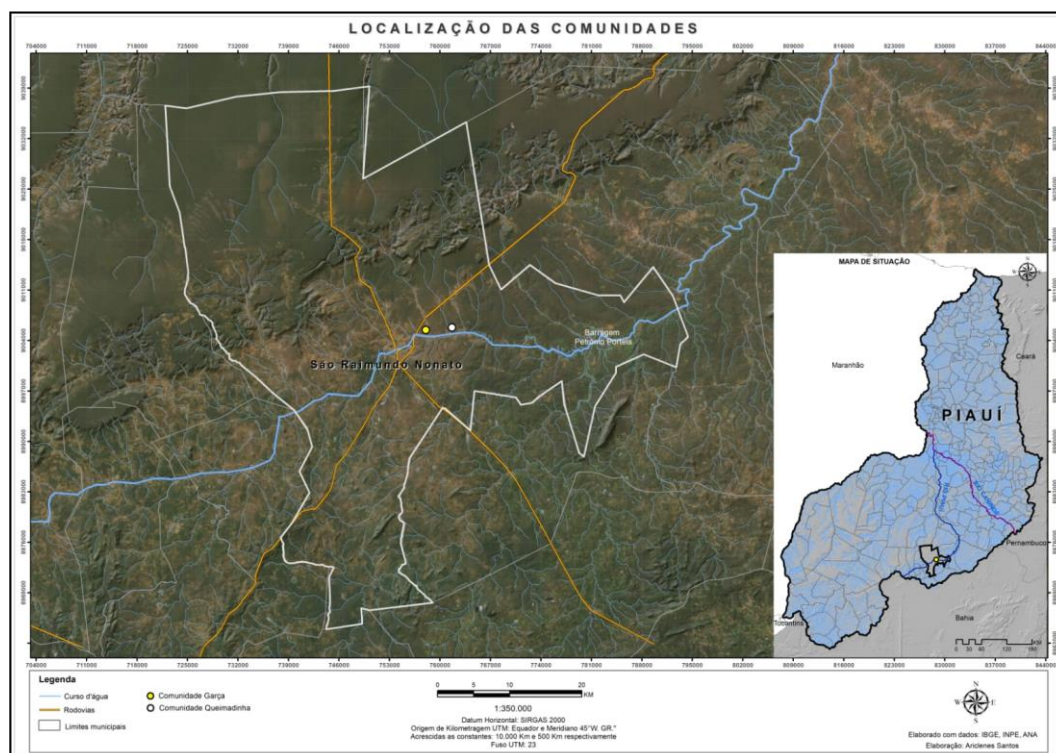


Figura 1: Localização da Comunidade de Queimadinha. Fonte: Silva, 2022



Figura 2: Paisagens da Comunidade de Queimadinha. Fonte: Silva, 2019

Com os estudos realizados nesta comunidade, foi possível perceber de que forma a vida no campo transformou a trajetória dessas pessoas, influenciando na história da localidade e de parte de seus moradores. São experiências relacionadas com a busca pelo sustento, através da labuta com bovino e caprinos, entre outros animais. Muitos dos vaqueiros pertencentes atualmente a comunidade atuaram também em outros locais da cidade e alguns conseguiram montar o seu próprio curral.

Ao lembrarem de um passado recente, colaboradores destacam sempre a atuação do sr. José da Chica (*in memoriam*). Eles relatam que o sujeito foi um vaqueiro valente e o mais conhecido da região, pois realizava as atribuições de fazendeiro, vaqueiro e boiador. Seu Zé Chica é muito lembrado devido ao seu trabalho, que sempre foi admirado por todos ao seu redor, onde levou o título de “afamado”, que significa vaqueiro valente e que pegava muito boi. Nesses relatos, percebe-se também a produção de um sentido heróico associado ao passado do vaqueiro, ressaltando sempre as suas habilidades com o gado diante da caatinga. Seu José Chica fez muitos serviços para “fora”, trabalhava em muitos lugares e tocando o gado até Pernambuco, para a venda.

A partir disso, os objetos se tornam uma importante ferramenta no contexto cultural do vaqueiro, sobretudo na especificidade de utilização de cada item de sua vestimenta. Cada um desses objetos possui características distintas relacionadas ao seu uso e significado (Figura 3). Podemos destacar, inicialmente, a relação entre essas roupas e o contexto ambiental onde elas são produzidas e usadas. Visto que os sertões, mais precisamente a caatinga, reforça a questão da importância da vestimenta pelo vaqueiro, por ser uma área de difícil acesso com vegetação baixa e fechada.

Toda essa questão ambiental favoreceu o estilo e matéria-prima utilizada na confecção dos itens. A área onde o vaqueiro nordestino trabalha exige que esses materiais tenham maior proteção e persistência. Aspectos como funcionalidade e durabilidade para cumprir com o propósito de proteção são fatores recorrentemente apontados pelos vaqueiros como determinantes mais imediatos das escolhas relacionadas com a confecção e uso da indumentária (Figura 4).





Figura 3: Senhor Dinavan, Vaqueiro da Comunidade de Queimadinha com sua indumentária. Fonte: Silva, 2019



Figura 4: Local de armazenamento das indumentárias. Fonte: Silva, 2019.

Desse modo, o couro ganhou espaço nesse contexto, sendo a matéria-prima utilizada por vaqueiros e por pessoas que trabalham na elaboração dos trajes, que aproveitam dos caprinos e bovinos que criam e cuidam. O couro pode adquirir texturas diferentes, dependendo do

tratamento que for dado a ele. A pele do animal equivale ao couro propriamente dito. Quando cortada ao meio, ela se transforma em duas peles (Dodt, 2016).

Aos poucos, as roupas dos vaqueiros foram ganhando formas, estilos diferenciados das demais regiões, à primeira vista a roupa de couro cru parece extravagante e pesada, mas é na verdade muito adequada para o trabalho de lida com os animais, onde o corpo entra em contato direto com a natureza seca e agressiva da caatinga. Driblar essa natureza pontiaguda é um pressuposto à sobrevivência. Cada peça serve para a proteção de uma parte do corpo do vaqueiro, formando uma indumentária um tanto pesada, mas resistente e de alta durabilidade, conforme será discutido a seguir (Dodt, 2016) (Figura 5).



Figura 5: Senhor Lorismar Madeira, vaqueiro da comunidade de Queimadinha. Fonte: Silva, 2019

### Gibão

É uma peça que compõem o traje do vaqueiro, apresentando a forma de paletó, confeccionada a partir do couro do próprio animal que serve para a proteção dos braços e das costas (Figura 6). Esses objetos estão em sua maioria armazenados na casa de nossos colaboradores, em um pequeno quarto ou em um torno, onde são colocados cada um dos itens que compõem sua roupa. Suas dimensões são de aproximadamente 0,85 cm de altura e 0,63 cm de largura. É um

objeto bastante resistente, com grande durabilidade. Com relação aos significados atribuídos para essas peças, muitos vaqueiros da comunidade ressaltam sua importância demonstrando que muito mais que parte da roupa, esse objeto significa o trabalho da pessoa, o “suor” e a “coragem” por parte de quem o usa.



Figura 6: Gibão. Fonte: Silva, 2022

A peça pode ser chamada de “terno”. Sobre isso, nosso colaborador Dinavan da Silva Santos narrou:

“O gibão é por causa do seguinte, aí é a segurança do corpo da pessoa, a gente vai no mato, um pau fura o couro tudo e a gente fica protegido, livrando o corpo da gente e o gibão recebe as pancadas. Porque assim na caatinga os pau é tudo *samiado*<sup>5</sup>, então as pontas de pau tem de todo jeito, e a roupa faz a proteção, esse gibão é o suor da gente, custa caro demais esse negócio aqui mais sem ele vaqueiro nenhum anda no mato, ele nos livra de tudo, é tanta

---

<sup>5</sup> Segundo nossos colaboradores a palavra “samiado” significa espalhado, ou seja, não se segue uma sequência.



coisa que tem no mei dessa caatinga que se não fosse esse trezin aqui nós tava tudo ferrado, tem pau demais ai nessa catingona de meu Deus<sup>6</sup>.

### Perneira

É um importante item do vestuário do vaqueiro, que possui uma forma de calça utilizada para proteger as pernas de animais peçonhentos, de arranhões contra galhos das árvores e espinhos (Figura 7). A peça é confeccionada com couro e polida para o nivelamento, sendo que é colocado óleo na mesma para facilitar seu manejo e, em seguida, levada para secar. Feito o procedimento, se desenha o molde, cortando duas peças no formato desejado, costurando uma do lado da outra, inserindo uma pequena tira de couro para ligar as duas partes. Com o restante do couro, é feito o peito para o pé, colando ou costurando na própria peça. As dimensões das perneiras são variadas, sendo aproximadas entre 1 m de altura e 0,63 cm de largura. A maioria dessas peças estavam em um bom estado de conservação.



---

6 Entrevista com Dinavan da Silva Santos, 36 anos, realizada em 29/08/2019 (Silva, 2019).

Figura 7: Perneira. Fonte: Silva, 2022

Sobre a importância da perneira, o vaqueiro Lorismar Madeira narrou o seguinte:

Eu mais o Binha cansemos de pegar uma saca dessas que coloca milho e feijão mesmo, e pegava uma calça e cortava e emendava as pernas na saca para fazer as mangas para o gibão, e a perneira nós abria a saca e costurava na medida da nossa perna. Pegava o mato os dois muntados no cavalo quando era menino, a roupa eu sempre achei bonita, aí quando menino, que nós não tinha condições de comprar, a gente fazia com a saca mesmo, era uma alegria só<sup>7</sup>.

### Guarda-Peito

Vestimenta feita de couro, usada por dentro do gibão para proteger o peito do vaqueiro (Figura 8). Esse item é muito importante, pois o mesmo exerce uma função protetora contra galhos e espinhos. É um objeto confeccionado com couro curtido de boi ou de bode. Na casa dos nossos colaboradores, o guarda peito sempre fica acomodado junto ao gibão, isso porque um completa o outro, como o gibão é aberto na frente, esse item é colocado na abertura do gibão para a proteção do tórax do vaqueiro. Suas medidas variam de aproximadamente 65 cm de altura e 28 cm de largura. Todos os objetos analisados estavam em um bom estado de conservação, sendo armazenados em um pequeno quarto ou em um torno colocado na sala da casa mesmo.

---

<sup>7</sup> Entrevista com Lorismar Madeira Silva, 47 anos, realizada em 22/08/2019 (Silva, 2019).



Figura 8: Guarda-Peito. Fonte: Silva, 2022

Seu Manoel Simplício, um de nossos colaboradores, ressaltou que:

Eu sempre gostei de campear<sup>8</sup> sabe, eu sempre ando *incourado*<sup>9</sup> nos lugares, porque eu gosto da roupa e me sinto bem, eu até sei fazer umas coisinhas como um gibão, perneira, guarda peito, eu sei fazer quase toda coisinha, mas nunca fui de fazer pra fora não, eu inventava pra mim mesmo porque pra fazer isso aí precisa ter vocação mesmo. Eu deixo as roupas aqui mesmo na frente da casa, porque eu gosto e quem chega já ver, vaqueiro pra fora eu nunca fui não mais pra cuidar das minhas coisas eu cuidava e sempre andei *incourado* no mato<sup>10</sup>.

### Luvas

As luvas são peças confeccionadas com couro pertencente ao vestuário do vaqueiro, sendo utilizada basicamente para a proteção das mãos, na hora que o vaqueiro vai executar algum trabalho (Figura 9). É utilizada principalmente para segurar o rabo do boi na hora de pegá-lo,

---

<sup>8</sup> A palavra “campear” significa andar pelo campo.

<sup>9</sup> Andar vestido como vaqueiro.

<sup>10</sup> Entrevista com Manoel Simplício Damasceno, 74 anos, realizada em 18/08/2019 (Silva, 2019).



assegurando a proteção das mãos do vaqueiro contra galhos e espinhos. Assim como as demais peças, a luva é um adereço confeccionado com couro de boi ou bode curtido, amaciado e polido. Com relação suas dimensões variam entre 0,20 cm de altura e 0, 12cm de largura. Algumas dessas peças tinham aproximadamente 10 anos, o que evidencia a grande durabilidade do material.



Figura 9: Luvas. Fonte: Silva, 2022

A importância desse item no vestuário do vaqueiro pode ser ilustrada por meio das narrativas do Senhor Gracino da Silva para este objeto:

Essas luvinhas véa aqui a gente só usa ela mesmo pra ir pro mato pra proteger a mão e no caso de ir pegar um boi brabo. Deixa eu lhe contar um causo aqui, um dia aí eu inventei de ir pegar um boi ali pro lado da casa véa do Zé Catimbau, o lugar é fechado vei demais, cai em cima de um cansação quando fui tentar pegar o boi, mim raivei logo, deixei aquele trem lá e vim pra minha casa, por

isso que digo pra você se for inventar de pegar boi sem vestir os couros a dificuldade é grande<sup>11</sup>”.

### Chapéu

Peça de formato arredondado, que tem como principal utilidade a proteção da cabeça do vaqueiro contra o sol e pontas de galhos das árvores (Figura 10). Nossos colaboradores ressaltam que o chapéu é umas das peças mais utilizadas no seu dia a dia, pois vão para todos os lugares com o item. O chapéu possui grande durabilidade, tendo relação estreita com a seleção do material utilizado para a sua confecção. Os chapéus analisados na comunidade de Queimadinha possuíam entre 8 meses e 10 anos “de comprado” e seus tamanhos apresentam semelhanças, variando de numerações entre 57 a 59.



<sup>11</sup> Entrevista com Gracino Ferreira da Silva, 82 anos, realizada em 15/08/2019 2019 (Silva, 2019).

Figura 10: Chapéu. Fonte: Silva, 2022

Nosso colaborador Manuel Simplício ressalta que o chapéu é umas das peças mais utilizadas no seu dia a dia, para além da lida com os animais. O mesmo relata que vai para todos os lugares com ele:

Minha fia pra todo lugar que eu vou eu vou com esse chapéu, não é só pro mato não, eu vou pra missa, pra rua, eu vou até pra festa, eu sem esse chapéu é como se faltasse um pedaço de mim<sup>12</sup>.

### Sapato ou Bota

Calçado que o vaqueiro utiliza em seu cotidiano para a execução de suas tarefas (Figura 11). Tem como utilidade a proteção dos pés contra espinhos, pedras e animais peçonhentos. Segundo nossos colaboradores, seus calçados são comprados já prontos e dificilmente mandam fazer. Ressaltam também que é a parte do vestuário que tem menos durabilidade, isso porque são usados com mais frequência, estando sujeitos a um desgaste maior. A numeração varia de acordo com cada vaqueiro e são utilizados tanto o sapato quanto botas de couro para a execução de trabalhos. Os sapatos analisados estavam todos em um bom estado de conservação e a numeração variava entre 39 a 41.

---

<sup>12</sup> Entrevista com Manoel Simplício Damasceno, 74 anos, realizada em 18/08/2019 (Silva, 2019).



Figura 11: Botas. Fonte: Silva, 2022

Durante as análises, a maioria de nossos colaboradores mencionam que trocam o sapato a cada seis meses, pois desgasta muito e para ir campear precisa que o sapato esteja em um bom estado. Isso fica evidente nas palavras de seu Dinavan da Silva:

Esses sapatos aqui acaba ligeiro demais, e olha que o material dos couro é bom, só que acaba rápido mesmo, não tem jeito não, a gente precisa para andar no mato mesmo e sem ele num dá para ir pegar boi não, faz medo bicho sabe, tem muito bicho venenoso nessas caatinga e ele é a proteção dos pés de nós, eu mermo não invento de ir pro mato sem ele não, Deus me livre. E é o que mais acaba, tem sempre que tá comprando, tem vez deu comprar uns dois ou três por ano<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Entrevista com Dinavan da Silva Santos, 36 anos, realizada em 29/08/2019 (Silva, 2019).

## Considerações Finais

Nas conversas com nossos colaboradores, percebemos nos relatos algumas impressões sobre o que é ser vaqueiro, bem como quais conceitos, sentimentos e materialidades são atribuídos a esses personagens da caatinga. Em uma das falas de um dos nossos colaboradores chamou a nossa atenção a diferenciação de dois tipos de vaqueiro na comunidade. Essa diferença é produzida pelo lugar em que o vaqueiro atua e o seu domínio do meio físico, reforçando a influência do ambiente tanto na produção quanto nos significados atribuídos às peças.

Alguns de nossos interlocutores, como o Sr. Manoel, afirmaram que existe o “vaqueiro da roça”, considerado menos habilidoso e restrito aos cuidados das áreas situadas próximas às suas casas; e o “vaqueiro do mato”, mais treinado no domínio da caatinga, empreendendo desse modo longas jornadas pelas matas trancadas, tornando o uso de roupas apropriadas indispensáveis. Desse ponto de vista, ser vaqueiro perpassa necessariamente pela utilização de uma roupa apropriada para esse fim. Contudo, não é só a função desempenhada pela peça que é levada em conta, mas também as afetividades que transformam esses objetos em representações, que conectam as lembranças do passado com as expectativas e desejos do presente.

Nas conversas com os vaqueiros, percebemos a ênfase no caráter perigoso do trabalho, pois muitas vezes na execução de suas tarefas, ocorrem acidentes que “fere”, “corta”, “cega”, “aleija” e “às vezes até mata”. Muitas das colocações de nossos colaboradores ressaltam que para ser vaqueiro tem que ter coragem, ou até mesmo dom, tornando explícito a operacionalização de um conhecimento especializado nas interações com os animais e a caatinga. Nesse sentido, é possível observar como o campo e a lida com os animais são recorrentemente mencionados como parte de um cotidiano. Desse modo, são práticas atravessadas pela construção de afetos, no compartilhamento de experiências e saberes, que culminam em narrativas sobre o passado e o presente.

Finalmente, devemos salientar que a “profissão vaqueiro” é um fator constituinte de sua autopercepção, edificada a partir da relação com o espaço e o trabalho, associada também, aos campos, ao gado, currais, fazendas e a uma teia de relacionamentos estabelecidos em seu cotidiano que não podem deixar de ser lembrados (Viana, 2015, p. 8). Nesse sentido, a indumentária se torna um marcador de referência, pois a mesma reforça os diversos significados

associados a elas, por meio de reelaborações da figura do vaqueiro, frente a experiência com objetos, espaços e expectativas individuais e coletivas que se desenrolam nessa conjuntura.

## Agradecimentos

Direcionamos os nossos agradecimentos para a comunidade de Queimadinha, pela acolhida e disponibilidade em participar dos trabalhos. Agradecemos especialmente aos nossos colaboradores, que compartilharam conosco suas memórias, histórias e indumentárias. Agradecemos também a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Piauí (FAPEPI), pelo apoio financeiro, que tem viabilizado a continuidade dos estudos.

## Referências

- BARTHES, R. 2005 Imagem e moda. São Paulo: Martins Fontes.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. 2005. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. Em Tese. Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, vol. 2, nº 1, p. 68-80.
- CASTELLS, M. 1999. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra.
- DOTT, L. C. V. 2016. Espedito seleiro: tradição e ofício de um artesão cearense. Dissertação de mestrado em Comunicação social. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza.
- DYKE, R. M. V. 2019. Archaeology and Social Memory. Annual Review Anthropology, vol. 48, p. 207-25
- GODOI, E. P. 1999. O trabalho da memória cotidiano e história no sertão do Piauí. Editora: Unicamp: Campinas. 1999.
- HALBWACHS, M. 2006. A memória coletiva. São Paulo: Centauro.
- LEODORO, M. P. 2001. Educação Científica e Cultura Material - Os Artefatos Lúdicos. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- LIMA, T. A. 2011. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, v 6, n. 1, p. 11-23.
- MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. 2010. Metodologia Científica. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- MARTINS, F. J. 2018. A lida do vaqueiro da comunidade Boqueirão/Buriti do Rei, Oeiras- PI: Cultura Material, Memórias e Saberes. São Raimundo Nonato-PI. Trabalho de conclusão de curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial. Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato.

MILLER, D. 2013. Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

OLIVEIRA, A. S. N. 2007. O Povoamento Colonial do Sudeste do Piauí: indígenas e colonizadores, conflitos e resistência. Tese de doutorado em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

PERALTA, E. 2007. Abordagens teóricas ao estudo da memória social: uma resenha crítica. Arquivo da Memória, n° 2, p. 4-23.

SILVA, L. P. A. 2019. Conexões entre cultura material e memória social no semiárido piauiense: a indumentária dos vaqueiros da comunidade de Queimadinha, município de São Raimundo Nonato-PI. Trabalho de conclusão de curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial. Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato.

SILVA, L. P. A. 2022. Provocações para uma Arqueologia do Presente: A formação da comunidade de Queimadinha Vêa, município de São Raimundo Nonato-PI. Qualificação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato.

SILVA, W. M. 2021. Arqueologia, Patrimônio Cultural e Memória Social: A indumentária junina da quadrilha Arráia Brilho do Sol, São Raimundo Nonato-PI. Trabalho de conclusão de curso em Arqueologia e Preservação Patrimonial. Universidade Federal do Vale do São Francisco, São Raimundo Nonato.

VIANA, A. B. 2015. Uma vida de trabalho dedicado ao campo: O vaqueiro sourense, um camponês marajoara. In: Anais XVIII Simpósio Nacional de História, Florianópolis.